

A SUPERDOTAÇÃO EM MULHERES NEGRAS



ISSN: 2764-5622

Vol. 4 | Nº. 1 | Ano 2023

**Patricia
Neumann**

*Universidade de
Caxias do Sul*
souhumanista@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir a superdotação em mulheres negras brasileiras. O método foi um estudo de caso, de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. A participante foi uma mulher negra superdotada identificada na vida adulta por avaliação psicoeducacional. O instrumento foi um questionário estruturado com quatro questões. A análise foi de conteúdo na qual foram elencadas as categorias racismo e sofrimento psíquico. Os resultados apontam que racismo e sexismo prejudicam a saúde mental de mulheres negras e seu desenvolvimento como um todo. Este prejuízo pode ser acentuado quando a mulher é superdotada devido ao desconhecimento da população e de profissionais da saúde e educação sobre esta condição. Considera-se que é fundamental a identificação da superdotação como um dos caminhos para proporcionar o desenvolvimento do potencial em talentos e seus efeitos na vida individual e social.

Palavras-chave: superdotação, mulheres negras, neurodiversidade, racismo.

Correspondência/Contato

revistaneurodiversidade@gmail.com

www.institutoneurodiversidade.com

Editores responsáveis

Daniele Pendeza

Lucas Pontes

Revisão

Filipe Russo

GIFTEDNESS IN BLACK WOMEN



ISSN: 2764-5622

Vol. 4 | Nº. 1 | Ano 2023

**Patricia
Neumann**
*Universidade de
Caxias do Sul*
souhumanista@gmail.com

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss giftedness in Brazilian black women. The method was a case study, of exploratory, descriptive and qualitative nature. The participant was a gifted black woman identified in adulthood by psychoeducational assessment. The instrument was a structured questionnaire with four questions. The analysis was content analysis in which racism and psychological distress were categories. Results indicate that racism and sexism harm the mental health of black women and their development as a whole. This damage can be worse when the woman is gifted because people, health and educational professionals' ignorance about this. It is considered that the identification of giftedness is fundamental as one of the ways to development potential into talents and their effects in individual and social life.

Keywords: giftedness, black women, neurodiversity, racism.

1 INTRODUÇÃO

A vivência comum de grande parte de pessoas superdotadas, no Brasil, é a de ter ouvido, de muitas formas, que ela é uma pessoa errada no mundo. Isto sendo gerado pelo desconhecimento da neurodiversidade e por questões socioculturais históricas do modo de relação com o dito diferente. Temos a própria questão da definição da superdotação que é complexa e plural. A definição apresentada, no Brasil, pelas Diretrizes da Educação Especial (Brasil, 1995) define pessoa com altas habilidades ou superdotação aquela que tem elevado desempenho e potencial na área intelectual, acadêmica, de liderança, de pensamento criativo, na arte e/ou na motricidade. Embora, no Brasil, se use altas habilidades ou superdotação como sinônimos, neste texto, opto por usar apenas o termo superdotação.

Definir superdotação, segundo Dai (2018), envolve os campos ontológico, epistemológico e normativo. As muitas combinações dentro destes campos têm se mostrado na evolução da compreensão do fenômeno. Sternberg e Kaufman (2018) apresentam uma organização e classificação dos conceitos de superdotação conforme modelos construídos em cada época. Eles chamam de onda um período em que determinados modelos predominaram. A primeira onda foi focada na inteligência intelectual e na visão de domínio geral. A segunda onda, também marcada pela inteligência, mas já com uma visão de domínio específico, o que permite que outras inteligências sejam consideradas junto à intelectual. A terceira onda reúne modelos de sistema, os quais focam na interrelação entre fatores intelectuais e não-cognitivos. No Brasil, a identificação, a avaliação e o atendimento educacional especializado (AEE) são orientados pelo trabalho de Joseph Renzulli, um autor de um modelo de sistema. A quarta onda, mais contemporânea, é marcada por modelos de desenvolvimento. Uma de suas representantes de destaque é Linda Kreger Silverman.

Pode-se dizer, então, que a identificação e avaliação psicoeducacional de superdotação está orientada por um ou mais modelos. Se for orientada somente por um, tem-se uma avaliação unidimensional. Se por mais, será multidimensional (Pérez, 2009). Destaco que os modelos têm suas divergências, mas é possível um diálogo no qual diferentes modelos contribuem a partir de diferentes pontos de partida. O olhar multidimensional vai além de simples soma de modelos, ele é um olhar interseccional que inclui conceitos de modo coerente junto a vivências plurais. Isto é desafiador, no Brasil, um país com tantas questões socioculturais a serem consideradas, variações regionais ricas em diversidade e também permeado por relações violentas como racismo e sexismo.

Neste contexto, uma das possibilidades de partida é o conceito de superdotação postulado pelo Columbus Group em que superdotação é desenvolvimento assíncrono. Neste desenvolvimento,

as capacidades cognitivas avançadas e a ampla intensidade se juntam e criam experiências internas e consciência qualitativamente divergentes daquilo que se considera o comum. Além disso, quanto maior a capacidade intelectual, maior a assincronia. Isto faz com que pessoas superdotadas, nesta singularidade, se tornem especialmente vulneráveis, o que leva à necessidade de modificações na parentalidade, no ensino e no aconselhamento para que se desenvolvam (Rinn & Majority, 2018).

Esta definição foi construída com base no trabalho de Leta Stetter Hollingworth, Kazimierz Dąbrowski, Lev Vygotsky e Jean-Charles Terrassier (Silverman, 1997) e, até o momento, considero uma definição que significativamente auxilia na compreensão das vivências da pessoa superdotada em qualquer idade e contexto. Assincronia é estar fora de sincronia tanto interna quanto externamente. Internamente, trata-se da discrepância entre as áreas intelectual, emocional e psicomotora. Externamente, quer dizer a discrepância social com pares da mesma idade (Silverman, 1997).

Ainda segundo Silverman (1997), para a maioria dos cientistas da área, explicar a superdotação significa descrever as condições que produzem o alto nível de realização. Acredita-se que o aspecto mais importante de ser superdotada(o) é sua habilidade em transformar os “dons” em produtos reconhecidos socialmente. A maior parte de modelos e teorias se voltam para a maximização da superdotação. Eles não descrevem como a pessoa funciona, como ela sente, pensa e vive o mundo. Assim, a definição de superdotação como assincronia foi proposta com o intuito de olhar para a vulnerabilidade da pessoa, focar em suas dificuldades dentro da sociedade que vive, prover conhecimento sobre si mesma e enfatizar o papel fundamental de pais, professoras(es) e sociedade em seu desenvolvimento. Neste sentido, esta definição vem ao encontro de questões fundamentais e urgentes de serem resolvidas, no Brasil, como o racismo. Estou em acordo com Silverman (1997) quando ela salienta a vulnerabilidade da pessoa superdotada devido ao seu desenvolvimento assincrônico. É visível tal vivência em meu trabalho com estas pessoas.

A superdotação faz parte de rol de condições de desenvolvimento neurodivergente, sendo este termo cunhado por Singer (1999), e, destaque, intersecciona-se com raça, gênero, classe social, sexualidade, regionalidade, etnia etc. O racismo e o sexismo, por exemplo, são fatores que afetam diretamente o desenvolvimento de meninas e mulheres negras superdotadas e, conseqüentemente, influenciam na camuflagem do seu potencial e prejudicam o desenvolvimento de seus talentos. Neste contexto é que busco discutir a superdotação em mulheres negras brasileiras. Para isto, tomo como ponto de partida o discurso de uma mulher negra superdotada sobre saúde mental, condição neurodivergente e identificação de sua condição na vida adulta.

2 MÉTODO

Esta pesquisa é um estudo de caso, de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. Nossa convidada é Juliana, uma mulher negra de pele clara (conforme sua autoidentificação). Ela tem 27 anos e é superdotada acadêmico-intelectual na área lógico-matemática, em liderança e em artes. Juliana, nome fictício escolhido por ela, foi identificada mediante uma avaliação psicoeducacional multidimensional realizada por uma profissional da Psicologia. Os critérios para a sua escolha foram ser negra, superdotada e identificada na vida adulta. O convite da sua participação se deu pelo aplicativo WhatsApp, bem como o envio do questionário, o qual ela respondeu por escrito, e termo de consentimento. O instrumento de pesquisa foi um questionário estruturado com quatro perguntas. A análise dos resultados foi feita pela análise de conteúdo (Bardin, 2004).

3 RESULTADOS

O discurso de Juliana foi mantido na íntegra. Seguem as questões e respostas.

Questão 1. A partir de suas vivências como mulher negra, como você descreve sua saúde mental ao decorrer de sua vida?

Juliana: Variável, tendendo mais para ruim. Meu sonho quando criança era ter 30 anos para que eu já tivesse maturidade e também não precisasse ir à escola. Estudei em uma escola particular, onde a maioria das pessoas era de classe média e branca. Passei por períodos muito difíceis relacionados ao racismo e machismo que eram recorrentes. Tenho certeza que já tive depressão com uns 17 anos. E antes disso também, por volta da sexta série. É muito difícil lidar com as pessoas dizendo que você é igual a elas e te tratando diferente, te chamando de louca e invalidando seus sentimentos e sonhos, incluindo sua própria família. Funcionar de uma maneira diferente também traz seus desafios, minhas expectativas são e sempre foram muito altas e hoje eu vejo que boa parte da minha motivação foi embora por que isso nunca foi levado em conta na minha educação, por melhor que fosse a escola em que eu estudava. Na vida adulta, a mesma coisa acontece, mas de maneira mais velada. Eu comecei a me questionar se eu estava sendo louca ou se estava certa em achar que eu não me encaixava em certos ambientes. Eu sempre me questionava se era eu o problema ou o mundo. Hoje, vejo que sim, tive dificuldade de lidar com algumas questões, mas também em muitos momentos eu não tinha culpa e nem controle do que estava acontecendo. Também tive pouquíssimas, se é que tive referências. Chegou uma fase da minha vida onde eu decidi criar minha identidade, de certa forma.

Isso foi intencional e aconteceu quando percebi que não ia ter referências tão cedo, eu precisava criar sozinha. As pessoas frequentemente dizem que sou original na maneira como me expresso no mundo, acredito que esse momento tenha contribuído para isso. Todas essas situações afetaram muito a maneira como eu me via. Ser negra no Brasil é um não espaço. É não se ver em lugares que você sonha em estar (mesmo quando você está neles), é ser mal entendida, silenciada e desconsiderada todos os dias. Cansa. Quero deixar claro aqui que sou filha de um casal interracial e por isso sou considerada "morena", "parda", mas isso nunca contribuiu para a minha identidade, muito pelo contrário, só me confundiu. Se não sou branca e não sou negra, então quem sou eu? Meu sentimento é que minha identidade foi roubada de mim todo esse tempo e eu só descobri agora. Eu andava com um buraco no peito e um nó no estômago, procurando e procurando, sem saber o que. Então sim, minha saúde mental sofreu. E muito.

Questão 2. O fato de não ter sido identificada a sua superdotação na infância teve consequências, para você? Se sim, quais?

Juliana: Com certeza. Me tirou o que hoje considero mais valioso no meu processo de desenvolvimento pessoal: o autoconhecimento. Para pessoas com altas habilidades, tenho notado que a auto regulação é super importante. Eu tendo para excessos em vários momentos: dormir muito, comer muito, não comer, pensar muito, etc. Quando não sabia que era superdotada, acabava achando e que todo mundo era assim exigindo muito de mim e dos outros. Quando entendi que funciono de uma maneira diferente, pude também desenhar uma linha entre o eu e o outro, além de respeitar melhor as pessoas, me comunicar melhor, expressar minhas necessidades, colocar limites. Para mim, este foi o ganho mais valioso que veio da identificação, essa oportunidade de me colocar no controle da minha vida, com mais conhecimento. Foi empoderador.

Questão 3. Saber da sua condição neurodivergente de superdotação na vida adulta tem afetado sua saúde, em alguma medida? Se sim, de que modo?

Juliana: Afetou positivamente! Como citei, o tema de auto regulação seguiu a descoberta das altas habilidades. Quando entendi como eu funcionava, automaticamente pude me aceitar melhor, da maneira que sou. Isso teve e ainda tem um impacto enorme no relacionamento comigo mesma e na minha habilidade de auto regulação. O impacto disso no dia a dia é lidar melhor com frustrações sem perder o ânimo por muito tempo, aceitar que por ser intensa terei sim momentos mais difíceis, porém isso não precisa se manter para sempre. Fiquei mais resiliente. Descobrir as áreas da superdotação

também me ajudou muito. Pensando em auto regulação mesmo, a expressão das minhas habilidades é fundamental para o meu bem estar. A minha energia criativa é muito forte e se fica paralisada, me faz mal. Na infância por exemplo, minha família não priorizava me levar nas aulas de dança, eu tinha que me dedicar totalmente ao estudo. Hoje eu sei que, apesar de ter competências acadêmicas e também precisar exercitá-las, só isso não me basta. Eu necessito me expressar de outras formas, isso faz parte de mim. Esses insights, sobre entender que certas coisas não vão mudar, pois fazem parte da maneira como eu funciono, fizeram total diferença na hora de desenvolver estratégias para lidar com momentos difíceis, me permitir viver momentos de dificuldade. Hoje eu tenho a capacidade de me permitir passar pelos sentimentos “ruins”, sem necessariamente querer evitá-los ou fazer com que passem rápido. Essa inteligência emocional mudou a forma como me relaciono comigo mesma e aumentou a muito capacidade de me entender, por isso foi uma mudança enorme na minha vida. Me sinto mais preparada para lidar com a vida, com mais recursos, conheço pessoas parecidas comigo que passam por situações similares, isso é uma fonte enorme de aprendizado.

Questão 4. Na sua visão, o que é importante a profissionais da Psicologia saberem para avaliar o potencial e os talentos de meninas e mulheres negras?

Juliana: Entender que muitas vezes essa mulher nunca foi olhada como alguém com potencial, portanto falar sobre altas habilidades para ela pode parecer absurdo em um primeiro momento. Ela pode, mesmo depois de avaliada como superdotada, não acreditar que é. Nossa sociedade tende a desvalorizar mulheres negras sem nem dar a chance de mostrarem seus potenciais. Junte isso a dificuldade de acesso à educação e outros recursos, que impedem o pleno desenvolvimento dessas mulheres. Ou, no meu caso, uma educação padronizada e massificante, adicionada a um ambiente racista e machista. Sofremos micro e macro violências diariamente em todos os ambientes que entramos, portanto é de se esperar que nossa autoestima esteja fragilizada. Se você somar as altas habilidades a esse cenário, uma mulher negra talentosa, que chama atenção e destaca por onde passa seria diminuída e “colocada em seu lugar”, afinal quem é ela pra ser metida assim? É neste mundo que vivemos. Portanto, para lidar com isso, eu por exemplo acabei suprimindo minhas habilidades, simplesmente para não ser notada e nem atacada. Eu não aguentava mais ser atacada. Para não me atacarem, eu me ataquei. Resultado? Fiquei fisicamente doente. Somos atacadas desde muito, muito novas, quando não temos estrutura psicológica para lidar com aqueles momentos. E o pior: nem nos damos conta, achamos que é normal. Não é normal. Quando somos adultas e voltamos a passar por esses momentos, no trabalho na família, com os amigos e os amores, o trauma da infância volta. E a quem devemos recorrer? Como explicar algo que muitas vezes nem a gente sabe o que é, porque

acontece, de onde veio e porque é direcionado a nós? É um total desamparo, misturado com um sentimento de impotência e raiva. É exatamente por isso que o discurso excessivamente positivo não funciona conosco: “vai dar tudo certo”, “isso vai passar” e frases similares não nos ajudam, só invalidam nossos sentimentos e nos afastam. Não peçam para mulheres fragilizadas abrirem suas feridas para depois não fazerem nada a respeito. Nem insistam para que falem sobre essas experiências para que vocês aprendam. Nossa dor não é entretenimento e não existe para satisfazer a curiosidade de quem não passa por isso. Sejam responsáveis com o próprio aprendizado e com a nossa saúde mental. Procurem pessoas especializadas em questões raciais e diversidade para direcionamento e formação. Busquem informações, entendam as demandas deste grupo e as histórias de vida dessas pessoas, ouçam quando elas quiserem falar, se responsabilizem, deem acesso à informação para essas mulheres. Acesso à informação transforma vidas. Muitas vezes só seremos identificadas na fase adulta. Eu sei que a identificação mudou minha vida. Gostaria que mais mulheres negras tivessem acesso às informações que tive acesso e que pudessem se enxergar como potências. Nós somos potências. Só precisamos de oportunidades, caminhos e ferramentas. Precisamos de alguém que acredite na gente para variar e que nos olhe com brilho no olhar. E acredito muito que profissionais de psicologia são fundamentais nesse processo.

Após transcreever o discurso de Juliana, o próximo passo foi selecionar o conteúdo e organizá-lo por categorias. Duas categorias foram delimitadas a partir da relação entre vivências em torno da saúde mental, raça, gênero e superdotação. O número entre parênteses se refere à questão em que o conteúdo foi retirado.

Categoria e Conteúdo
<p style="text-align: center;"><i>Racismo</i></p> <p>Racismo e machismo recorrentes (questões 1 e 4); ser tratada diferente (1); ser chamada de louca, ter sonhos e sentimentos invalidados (1); desconsideração de atributos pessoais pela escola (1); poucas ou nenhuma referência no mundo (1); invisibilidade, ser mal-entendida e desconsiderada (1); dificuldades de acesso à educação (4); desvalorização social do potencial (4); ocultamento do potencial e talentos (4); violência (4).</p>
<p style="text-align: center;"><i>Sofrimento Psíquico</i></p> <p>Expectativas muito altas (questão 1); diminuição da automotivação (1); depressão na infância e adolescência (1); sentimento de desencaixe na vida adulta, dúvidas acerca da sanidade mental (1); vivência de ser um não-espaco (1); vivência de confusão por não ser nem “branca” nem “negra”, mas “morena” (1); perda da identidade (2); adoecimento mental (4); trauma (4); desamparo, impotência e raiva (4); invalidação dos sentimentos (4); autoestima fragilizada (4).</p>

Quadro 1. Categorias do discurso (autoria própria, 2023).

4 DISCUSSÃO

O ato de dizer a palavra racismo em meio social já desconforta, no Brasil, assim como quando se fala em superdotação também gera, comumente, desconforto, surpresa e, em algumas pessoas, curiosidade. Situações diferentes, mas com um ponto em comum: a recusa do outro enquanto Outro legítimo em seu modo de vir a ser no mundo. Este Outro, aqui em letra maiúscula, é o sujeito que existe em possibilidades, em vir a ser no mundo. Há muito o que ser pensado e realizado sobre esta relação entre raça e neurodivergência no contexto brasileiro. Se o processo de desenvolvimento pode ser difícil para um homem ou uma mulher branca neurodivergente, para homens negros e, em especial, mulheres negras, ele é ainda mais difícil. Tais dificuldades são originadas pelo modo como o sistema social funciona, na sua perpetuação, geração após geração, de uma visão de mundo dividido ontologicamente e a isto sendo tomado como verdade, sendo que é uma falácia. A falácia de que há seres humanos com mais direito de existência que outros e que tal direito lhe é inato: no caso no Brasil, basta nascer homem e branco. E, além disso, nascer normal, o que mais ou menos parece significar nascer sem alguma coisa que gere alguma atitude que destoe do ideal de homogeneidade. Em outras palavras, que todos os seres humanos desejem a mesma coisa durante toda a vida, desejem o padrão que nem sabem como ou quando começou a vigorar, isto é, que não tenham existência singular.

Dentre as falas de Juliana, quando ela traz que foi tratada diferente, chamada de louca, que foi mal-entendida, desconsiderada, desvalorizada em seus potenciais e invalidada em seus sentimentos, todas são ações que fazem parte do complexo ato de invisibilizar, de impedir o Outro de ser, de se realizar. Tal interdição gera sofrimento psíquico a cada vez que acontece e é comum na história de vida de muitas pessoas superdotadas. No caso de mulheres negras superdotadas, conforme mencionado por Juliana e também debatido por autoras negras como Sueli Carneiro (2011), somam-se o racismo, o sexismo, as poucas ou nenhuma referência no mundo, dificuldades de acesso à educação, muitas das vezes em conjunto com a pobreza, e as muitas formas de violência sofridas quotidianamente. Estas violências são legitimadas pela divisão racial que é vivida de modo explícito por pessoas negras e sentida profundamente por quem está do lado de fora dos ideais da branquitude. Uma das muitas violências, segundo Carneiro (2011) e Ribeiro (2019) é o aprisionamento de homens e mulheres negras em imagens estereotipadas e fixas. Um exemplo disto é a sensualidade esperada das mulheres negras como se elas estivessem sempre à disposição do desejo dos outros.

Acresço que as muitas imagens associadas a mulheres negras em conjunto com as imagens associadas à condição neurodivergente de superdotação prejudicam o desenvolvimento destas pessoas

desde sua infância. Ribeiro (2019) salienta que ser não branca é apontado como erro e que desde cedo mulheres negras têm sua autoestima afetada, o que leva, junto a outros fatores, ao comportamento de adaptação ao meio social. A pessoa negra vive o conflito entre ser negra e não querer ser negra nas palavras de Virgínia Bicudo, citadas pela antropóloga Janaína Gomes (2013, p. 145): “[...] o que equivale ao conflito entre “ser mal” e “ser bom”, as pessoas de cor sucumbem frequentemente ao conflito, autopunitivamente exibindo traços de personalidade que são tomados como confirmação dos estereótipos que lhe são dirigidos” [aspas da autora]. Juliana também menciona a autoestima fragilizada a partir de violências sofridas, sendo uma questão presente na vida de mulheres negras superdotadas.

No que tange à superdotação, a pesquisa de Winterbrook (2017), com mulheres, aponta que várias são as barreiras psicológicas que elas podem desenvolver ao longo da vida como consequência das violências. As barreiras são criadas para autoproteção de um meio hostil. No caso de mulheres, é comum que elas sintam que precisam agradar os outros, uma vez que as expectativas familiares e sociais pesam bastante sobre elas como cuidadoras de alguém. Igualmente, que elas tendam a ter a autoconfiança diminuída conforme avançam os anos escolares e que mudem seus planos e deixem de mostrar seus talentos para atender uma demanda social de ocupar um lugar de inferioridade, isto é, elas não podem se mostrar mais inteligentes. Também é comum que venham a desenvolver uma crença equivocada de incapacidade que revela uma distorção da autoimagem, que precisem abrir mão de sonhos para atender os desejos da família e que desenvolvam diversas condições de saúde como depressão e Síndrome de Burnout por sobrecarga, dentre outras.

No que se refere ao desenvolvimento de mulheres superdotadas, Silverman e Miller (2009) salientam que a precocidade em meninas superdotadas pode ficar camuflada porque a sociedade espera que elas amadureçam mais cedo que os meninos. Elas aprendem cedo a ocultar quem são e a se assemelhar às demais meninas em busca de aceitação social. Por volta de 8 a 9 anos, elas aprendem que é melhor não mostrar seu potencial. Meninas tendem a evitar chamar a atenção de um professor, dos colegas ou demonstrar liderança no grupo e elas tendem a usar seus talentos para ganhar aceitação em vez de destaque. Além disso, elas são taxadas de temperamentais, mal-humoradas, presunçosas, egocêntricas e tirânicas enquanto as mesmas atitudes de meninos são vistas como divertidas e criativas. A exclusão favorece às meninas superdotadas a desenvolverem autoestima baixa, autoconceito negativo, elevado nível de autocobrança, insegurança e conformidade com o estereótipo de gênero. Elas são vistas como “estranhas” e são excluídas socialmente por isso. Muitas vezes, as meninas são colocadas a escolher entre “feminilidade” e “realização/rendimento” porque a realização é tida como característica masculina.

A tudo isto que acomete meninas e mulheres superdotadas em geral, saliento, acresce-se o racismo e sexismo que também geram uma série de sofrimentos como os mencionados por Juliana: diminuição da automotivação; sentimento de desencaixe na vida adulta, dúvidas acerca da sanidade mental; vivência de ser um não-espaço; vivência de confusão por não ser nem “branca” nem “negra”, mas “morena”; perda da identidade; trauma; desamparo, impotência e raiva; invalidação dos sentimentos e estados mais graves como a depressão já na infância e adolescência. Como dito por Ribeiro (2019), meninas brancas não precisam pensar sobre sua branquitude enquanto as negras fazem isto desde sempre. A branquitude, por ser vista como normal, não demanda questionamento e é legitimada em sua diversidade. O foco está sempre na negritude como se fosse uma anormalidade. Sendo assim, estar em um lugar de privilégio social como a branquitude, por si só já é uma violência, pois se trata de um privilégio dado a apenas alguns. Neste sentido, acordo com Carneiro (2011) quando ela salienta que há menos estudos e ações realizadas pela Psicologia quanto à saúde mental da população negra, os efeitos do racismo e da discriminação racial. Aqui, destaco que psicólogas e psicólogos tanto têm falado em subjetividade, mas insuficientemente têm pensado e falado do imaginário e do simbólico do “corpo branco como instrumento de poder e privilégio” (Carneiro, 2011, p. 81) que se ergue e mantém graças à opressão estrutural (Almeida, 2020). E quando não se pensa e não se fala com consciência, reproduz-se a opressão nas relações.

Tenho ouvido relatos frequentes de pessoas negras e/ou LBGTQIA+ (Lésbicas, Bissexuais, Gays, Transsexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais) do quão difícil é encontrar psicoterapeutas que estejam genuinamente abertas(os) a ouvir suas questões em torno das vivências como racismo, sexismo, LGBTfobia etc. O mais recente relato que ouvi de um andrógino acerca de sua psicoterapeuta sobre quando ele levou a questão do racismo foi a profissional que o atendia ter lhe dito que existe racismo reverso. Tal discurso vindo justamente de uma psicóloga! Acreditar e afirmar que racismo reverso existe, isto é, de que pessoas brancas também sofrem racismo vindo de pessoas negras, é mais uma prática de perpetuação do racismo. É uma violência.

Dentro disto, quando Ribeiro (2019) toca na questão do imaginário social de normalidade, isto vem totalmente ao encontro da condição neurodivergente de superdotação. Isto porque também há um ideal de normalidade no que concerne ao modo como uma pessoa funciona neuropsicologicamente. Pessoas superdotadas funcionam de modo divergente e este funcionamento se mostra em ações consideradas estranhas pelo meio social. Todos os elementos da categoria de Sofrimento Psíquico trazidos por Juliana é observado, frequentemente, em pessoas adultas superdotadas. A isto, está relacionada a relação de violência que a pessoa neurodivergente pode estar sujeita desde criança. Os muitos mitos em torno da superdotação camuflam o que ela é realmente. Tais

mitos ainda são quotidianos não apenas dentre a população em geral, mas dentre profissionais, inclusive, da Psicologia.

Alguns dos mitos mais comuns, segundo Reis e Renzulli (2009), Peterson (2009), Papadopoulos (2020), Antipoff e Campos (2010), Rech e Freitas (2005) e Galbraith e Delisle (1996) são: pessoas superdotadas sempre serão pessoas de sucesso e não precisam de ajuda porque já sabem tudo (dado o mito do quociente intelectual, QI, como solução para tudo); seguido de que toda pessoa superdotada tem QI muito superior (130 para cima em Escalas Wechsler) e sua incidência na população é baixa, só 3 a 5%, sendo que, atualmente, trabalha-se com a incidência de pelo menos 15%, segundo Renzulli (2015). Também que elas sempre apresentam alto desempenho em todas as disciplinas escolares e tudo lhes é fácil; que pessoas superdotadas são arrogantes; que se as crianças, jovens ou adultas(os) se juntarem em grupo, serão mais esnobes; que são isoladas e não gostam de socializar; que elas têm tendência à doença mental; que apresentam mais problemas de ajustamento social; que não possuem necessidades emocionais e sociais específicas, que são um grupo homogêneo etc.

Eis um conjunto de imagens estereotipadas que são depositadas nas pessoas superdotadas. Muito distante de serem reais, se referem ao ideal social da possibilidade de que alguém seja capaz de viver sem dificuldades para crescer. Também a anormalidade aparece nestes discursos mitológicos quando se associa superdotação com doença mental (loucura), desajustamento social, isolamento e arrogância. Todas características facilmente atribuídas aos ditos gênios, homens brancos (por sinal) que conseguiram destaque amplo em alguma área científica, principalmente. Vide o ditado popular que “de gênio e de louco, todo mundo tem um pouco”. Todo este imaginário recai sobre a mulher negra e, então, ela terá que lidar com pelo menos três grandes fontes de sofrimento: o racismo, a ignorância sobre a neurodiversidade e o sexismo, sendo este inseparável do racismo por fazer parte da estrutura social.

Defendo que, assim como pessoas brancas são levadas a ignorar sua branquitude, pessoas neurotípicas também ignoram sua condição. Quem é neurodivergente, como a pessoa superdotada, é levada(o) a pensar sobre isto desde que nasce, pois destoa do esperado. Segundo Minello (2013), o termo neurodiversidade foi cunhado por Judy Singer (1999) para falar de pessoas autistas. Para além do autismo, hoje, dizer que alguém é neurodivergente significa uma referência a um modo diferente de funcionamento mental e se opõe a termos como ser deficiente ou anormal. Pessoas neurodivergentes funcionam de modo significativamente diverso daquilo que se julga ser um padrão dominante. Acresço que são pessoas que sentem e pensam o mundo de forma diversa.

No caso da superdotação, na escola, por exemplo, enquanto as outras crianças sabem contar até dez, a criança superdotada pode já saber contar até cem ou mil e, não raro, a professora diz para ela que ela tem que contar só até dez, pois precisa ser igual as demais. O que mais as mães de crianças superdotadas ouvem de muitas pessoas ao seu redor são: “você estimula demais, por isso ela(e) é assim”; “ela(e) é só precoce, depois fica como as outras”; “por que você ensina tanta coisa para ela(e)?”; “você exige demais da sua filha/filho!”; “você está tirando a infância dela(e), deixa ela(e) brincar!”, e assim por diante. Ou seja, discursos de normalização. Tal situação se estende ao longo de toda a vida da pessoa superdotada. Frequentemente, há alguém na família, na sala de aula, no trabalho, numa festa... para dizer para a pessoa superdotada que ela pensa demais, que quer fazer coisas demais, que é intensa demais, complexa demais, sendo que este demais é um aviso de que ela está fora do padrão e que destoar do normal faz dela uma pessoa ruim. Em minha experiência como psicoterapeuta de adultas(os) superdotadas(os), tal situação é relatada, com frequência.

Quando trago, então, a discussão sobre a mulher negra superdotada, estou a falar da intersecção entre raça, gênero e funcionamento mental neurodivergente e suas implicações em sua vida como um todo. Neste ponto, é possível falar sobre a própria avaliação psicoeducacional de superdotação. Em qualquer pessoa, para avaliar esta condição, é preciso ir além de dominar técnicas e aplicar instrumentos, mas isto é mais presente ainda quando se trata de avaliar mulheres negras em qualquer faixa etária. Isto porque, para a avaliação, meninas e mulheres negras trazem todos os efeitos do racismo, do sexismo e da violência contra sua neurodivergência, dentre outras intersecções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental fomentar espaços de discussão sobre sexismo e racismo e suas influências na vida de pessoas neurodivergentes como um todo, em especial, de meninas e mulheres negras superdotadas. Trata-se de um processo, pois como bem coloca Almeida (2020), é a estrutura social na qual nascemos e crescemos e é lento o desenvolvimento da consciência em quem ocupa um lugar de privilégio.

É preciso olhar para meninas e mulheres negras para além dos traços que confirmam sua superdotação. Isto porque sua condição pode estar camuflada. É preciso olhar e ouvir com sensibilidade e conhecimento como a camuflagem se mostra em ambientes educacionais e de saúde. Para isto, é preciso também ver o racismo e o sexismo internalizado em todas e todos nós, em alguma medida. O racismo passa facilmente despercebido, especialmente para pessoas brancas, e tendência o olhar de profissionais para deixarem de ver o que está nas entrelinhas dos discursos de meninas e

mulheres negras em espaços sociais como a escola ou, mais tarde, no trabalho e vida cotidiana, quando se trata de mulheres já adultas. Ser uma menina ou mulher negra superdotada, no Brasil, para muitas, é um desafio constante dada as barreiras que se erguem ao seu desenvolvimento e realização de seu potencial.

Um dos caminhos para contribuir a uma mudança deste cenário é a adequada identificação da superdotação, mesmo que venha a ocorrer na vida adulta, como foi com Juliana. O cenário ideal seria a identificação nos primeiros anos de vida e coerente acompanhamento das necessidades educacionais e de saúde decorrentes desta condição, mas ainda não é a realidade brasileira. Então, a identificação na vida adulta é o que ocorre, e quando ocorre, para a maioria das mulheres negras superdotadas. Os ganhos deste processo de identificação e avaliação são trazidos por Juliana em que ela menciona o processo e os resultados como auxiliares no desenvolvimento de autocontrole, de autorregulação, de entendimento do seu funcionamento diferente, de resiliência, de autoconsciência, de inteligência emocional, do encontro com pares compatíveis (o que é fundamental para a saúde mental), de aprendizado e de motivação para criar referência para si mesma, culminando na criação de uma identidade com sentido próprio. Ganhos estes individuais e que refletem no meio social.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. (2020). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra.
- Antipoff, C. A., Campos, R. H. F. (2010). Superdotação e seus Mitos. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14 (2), 301-309.
- Brasil. (1995). *Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: Área de Deficiência (Série Diretrizes: 9)*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Especial.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições.

- Dai, D.Y. (2018, 1-14). A History of Giftedness: Paradigms and Paradoxes. In: Pfeiffer, S. (Ed.) Handbook of Giftedness in Children. Springer.
- Galbraith, M. A., & Delisle, J. (1996). The Gifted Kids' Survival Guide: A Teen Handbook (Rev, Expanded & Updated edition). Free Spirit Publishing.
- Gomes, J. D. (2013). Os Segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo [Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo].
- Minello, R. (2013). Vygotskij e la Neurodiversità. Riformulari i problemi per i bambini con Bisogni Educativi Speciali. *Formazione & Insegnamento*, 11(3), 15-31.
- Papadopoulos, D. (2020). Psychological Framework for Gifted Children's Cognitive and Socio-Emotional Development: A Review of the Research Literature and Implications. *Journal for the Education of Gifted Young*, 8(1), 305-323.
- Pérez, S. G. P. B. (2009). A Identificação das Altas Habilidades sob uma Perspectiva Multidimensional. *Revista Educação Especial*, 22(35), 299-328.
- Peterson, J. S. (2009). Gifted and talented individuals do not have unique social and emotional needs. *Gifted Child Quarterly*, 53(4), 280-282.
- Ribeiro, D. (2019). Lugar de Fala. São Paulo: Jandaíra.
- Rech, A. J. D., Freitas, S. N. (2005). Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de santa maria/RS. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 11(2), 295-314.
- Reis, S. M., Renzulli, J. S. (2009). The gifted and talented constitute one single homogeneous group and giftedness is a way of being that stays in the person over time and experiences. *Gifted Child Quarterly*, 53(4), 233-235.

- Rinn, A. N., Majority, K. L. (2018). The Social and Emotional World of the Gifted. In Pfeiffer, S. I. (Ed.), Handbook of Giftedness in Children. Springer International Publishing, 49-63.
- Silverman, L. K. (1997). The Construct of Asynchronous Development. Peabody Journal of Education, 72(3&4), 36-58.
- Silverman, L. K. & Miller, Nancy B. (2009). A Feminine Perspective of Giftedness. In Shavinina, L. V. (Ed.). International Handbook on Giftedness. Québec: Springer, 99-128.
- Singer, J. (1999). Why can't you be normal for once in your life? From a 'problem with no name' to the emergence of a new category of difference. In Corker, M. & French, S. (Eds.), Disability discourse. Buckingham: Open UP, 59-67.
- Sternberg, R. J.; Kaufman, S. B. (2018). Theories and Conceptions of Giftedness. In: PFEIFFER Steven I. (ed.). Handbook of Giftedness in Children: psychoeducational theory, research and best practices, 2ed. Switzerland: Springer, 29-47.
- Winterbrook, C. A. Exploring the Lives of Gifted Women. 2017. 276f. (Doutorado em Educação). Morgridge College of Education. University of Denver. Denver.

Patrícia Neumann

É superdotada do tipo acadêmico-intelectual, nas áreas de ciências e liderança. Bacharel em Psicologia. Licenciada em Filosofia. Psicanalista. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste/PR/Brasil. Pesquisadora em superdotação. Atua em psicoterapia, avaliação psicoeducacional de superdotação para pessoas adultas e formação de profissionais da Educação e Saúde, na área da superdotação. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/9354677539847614linktree>.

Recebido em 16 de janeiro de 2023

Aceito em 20 de abril de 2023

Publicado em 03 de dezembro de 2023

Como citar esse artigo:

Neumann, P. (2023). A Superdotação em mulheres negras. *Revista Neurodiversidade*, 4(1), 1-17.